

Maria Bethânia ganha especial na TV Bandeirantes que festeja seus 50 anos e mostra os melhores momentos do show Âmbar, seu mais recente trabalho



SAX

Instrumento criado há 150 anos ganhou as partituras do mundo com sons que remetem às pegadas de um gato no escuro

MARIA CLAUDIA MIGUEL

O século 20 foi soprado pelo saxofone. Embora patenteado há 150 anos pelo seu genial inventor, o belga Antoine-Joseph Sax, conhecido como Adolphe Sax, foi nas décadas de 10 e 20 que ganhou as partituras de todo o mundo. De linhas sinuosas e com um som que remete às imagens de pegadas de gato no escuro, o sax figura entre as grandes invenções que, se não mudaram o rumo da história, deram um novo fôlego.

Com um punhado de metal, chaves e ferramentas, Sax deu os primeiros passos à construção do instrumento em 1840. A experiência nasceu da adaptação de uma palheta de clarineta ao bocal de um oficleide (um predecessor da tuba, só que em forma de "u", como o fagote). De 1842 a 48, foram construídos 20 mil sax. O inventor, também músico de sopro, não tinha qualquer dificuldade em manusear aqueles delicados detalhes que, se não adequados, desvirtuariam totalmente o timbre.

Além do ateliê que contava com 190 funcionários, em 1857 Adolphe Sax formou uma escola com 130 saxofonistas que começaram a fazer parte das bandas militares. Os inventos não pararam: criou um fagote de metal, uma clarineta baixo de metal e uma infinidade de instrumentos inusitados. Se não criava, aperfeiçoava os já existentes.

O sax percorria há tempo a Europa quando chegou aos Estados Unidos pelas mãos de fabricantes que viram no instrumento um bom negócio. Os primeiros conjuntos de jazz não tinham o sax na sua formação original, mas a clarineta, trombone, tuba, trompete, entre outros, começaram a explorar sua riqueza timbrística. A Original Dixieland Jazz Band, em 1919, foi a primeira a intro-



Mané Silveira, aluno de Sion e Paulo Moura, acaba de lançar seu segundo CD, Bonsai Machine

duzir o sax em suas fileiras.

Duke Ellington (1899-1974) traçou os primeiros arranjos para o naipe de sax e Sidnei Bechet, de New Orleans, o solista mais destacado. Conhecido por "Bird" ou "Yardbird", Charlie Parker (1920-1955) foi quem

originou o movimento jazzístico chamado bebop que reconheceria, definitivamente, o sax.

Grandes intérpretes surgiram: Gerry Mulligan, Coleman Hawking, Lester Young, Paul Desmond, John Coltrane, Ornette Coleman e Stan Getz. Na mú-

sica erudita, Marcel Mule foi o virtuose. Dos compositores, Ravel e Debussy voltaram o olhar ao novo instrumento e o introduziram em algumas peças. O brasileiro Villa-Lobos também colocou toda sua brasilidade nas composições para o sax.

Enquanto o invento ganhou fama, seu criador morreu aos 80 anos, pobre, sem receber pelos direitos autorais do instrumento. A história conta que em razão do sucesso entre as bandas militares, o exército francês o contratou como seu fornecedor exclusivo. Os concorrentes, ávidos pelos lucros, o acusaram de ter roubado a idéia do sax. Subornaram músicos para boicotar os instrumentos. O autor sobreviveu aos ataques até que, em 1870, sua patente expirou e qualquer um pôde fazer saxofones.

O SAX DO MANÉ

O saxofonista Mané Silveira acaba de lançar seu segundo CD, *Bonsai Machine*, com uma linguagem brasileira inspirada nos toques jazzísticos. O álbum traz chorinho, samba e bossa-nova e um elenco de convidados do primeiro time da música instrumental.

Com o sax de Silveira, a percussão de Guello e o piano de Paulo Braga na base, tocam Roberto Sion (flauta), Paulo Moura (clarineta), Paulo Belinati (violão), Mário Manga (cello), Toninho Ferragutti (acordeão), Swami Jr. (violão) e Ana Amélia (voz).

"Esses encontros aconteceram casualmente. O Sion foi meu professor e o Paulo Moura foi assistir a um show que eu estava fazendo no Sanja Bar, em São Paulo. Quando acabou ele veio falar comigo e me pediu uma partitura que eu havia composto em homenagem ao Charlie Parker. A participação deles no disco foi um encontro de amigos", relata.

Para o próximo projeto, o músico deve fazer outras incursões envolvendo um instrumental mais arrojado, com quarteto de cordas, fagote, oboé e uma percussão com maior variedade de timbres. Na pauta, o saxofonista não abre mão da música brasileira.

OPINIÃO DE QUEM ENTENDE

“ Não é um instrumento prioritariamente jazzístico, embora sua ligação com o jazz seja histórica. Com a evolução tecnológica ele virou multiuso. Até nos ritmos latinos é usado. Sua própria existência acabou acompanhando a ascensão jazzística. É só olhar para Charlie Parker que foi, indiscutivelmente, um marco. O instrumento ainda tem muito a percorrer. No erudito ainda é pouco explorado. A maior parte do repertório que se toca nas orquestras é anterior ao sax. Apesar de ter sido criado há 150 anos, levou 50 para o reconhecimento. Posso afirmar que o sax é o instrumento do século 20. Os compositores que entram neste século, sobretudo os franceses, como Debussy, Ravel, Darius Milhaud exploraram as suas potencialidades. Os brasileiros Villa-Lobos e Francisco Mignone também. Em Belo Horizonte já existe até uma escola erudita de saxofones, orientada pelo professor Dilson Florense. Por não ter um lugar fixo no mercado, o músico fica 'free' — é o lado que não favorece o instrumentista. Embora grande parte do instrumental já esteja sendo substituída pela tecnologia, isso ainda não aconteceu com o sax. Há um mito em torno do seu timbre. É considerado insubstituível por ser muito próximo à voz humana. ”



Vilmar Sartori (Mazinho)

“ No meio dessa tradição americana e francesa, não posso deixar de citar três brasileiros importantíssimos que já morreram. Quero começar por Ladário Teixeira, um saxofonista cego, genial, que até hoje a história não deu o devido reconhecimento. Ele bolou vários melhoramentos para o saxofone. Aperfeiçoou as chaves para ficar mais fácil o manuseio. Suas invenções chegaram à Europa e impressionaram. Mas como tudo é mais difícil do lado de baixo do Equador, Ladário morreu pobre e esquecido. Pixinguinha, apesar de não ter um som tão bonito em relação ao da sua flauta, deu um sotaque todo brasileiro ao instrumento. O contraponto do chorinho que desenvolveu na flauta, levou também para o sax-tenor. Outro grande foi o Zé Bodega, irmão do famoso maestro Severino Araújo, da Orquestra Tabajara. Ele também tocou chorinho no sax com o máximo de maestria. Quero lembrar de um músico, ainda vivo, que também formou uma escola de saxofonista: é o Domingos Pecci, pai de Eduardo Pecci, conhecido por Lambari, que é músico de orquestra sinfônica. Tem ainda o Cazé, um virtuose. Ele chegou a gravar os primeiros discos de jazz no Brasil. Gostaria ainda de registrar os nomes de Bolão, Hector Costita, Meirelles e Vitor Assis Brasil que viveu para o jazz. ”



Roberto Sion

“ Comecei tocando clarineta e depois, quando descobri o sax, fiquei tão atraído que nunca mais deixei. Tocava em orquestra de dança e o sax passou a ser uma exigência. Nos anos 50, surgiu um estilo que valorizou sobremaneira o instrumento, o bebop. O sax-alto simbolizava aquele modo de tocar tão peculiar de Charlie Parker que, para mim, é um divisor de águas. Comecei a estudar esse novo estilo e confesso que tive problema com a sonoridade durante uma certa época porque ainda tirava um som muito 'aclarinetado'. Benny Carter, no final dos anos 30, foi também um dos inovadores. Mas Charlie Parker foi o marco. Em orquestra sinfônica, o sax não é tão usado como instrumento de cadeira por dois motivos. Primeiro é porque a função do sax já é feita pela trompa — este instrumento de metal atinge a região da harmonia. E, segundo, porque o sax passou a amalgamar os metais e as palhetas (instrumentos de madeira). Seu desenvolvimento no erudito é mais evoluído na França. Pierre Dubois escreveu muito para sax e piano. O maior saxofonista erudito foi Marcel Mule — foi ele quem levou o instrumento às salas de concerto. Brasileiro, Ladário Teixeira foi notável. Ele contribuiu para a evolução do instrumento. Explorou chaves, aumentou os recursos do instrumento. Foi um grande virtuose. ”



Paulo Moura